

Próximo a Áden, a capital do sul, soldados tomam posições defensivas

Unificação em pedaços

Claudia Guimarães

Quatro anos após a eclosão da Guerra do Golfo, o Oriente Médio é palco de mais um conflito armado, que, ao contrário do anterior, tem todos os componentes para ser duradouro.

A atual guerra no Iêmen tem raízes profundas e parece sepultar de vez sua festejada unificação. "Apesar do entusiástico apoio da população, uma união bem-sucedida entre o norte e o sul parece improvável, pois os dois países tiveram uma evolução social e política muito diferente", assinala Peter Rodman, diretor da área de Oriente Médio do Centro para Estudos Internacionais e Estratégicos de Washington.

De fato, séculos de desenvolvimento em direções opostas ergueram uma barreira difícil de transpor. Enquanto ambas as regiões (sul e norte) foram dominadas durante três séculos pelos turcos otomanos, a capital sulista, Áden, foi ocupada pelos britânicos a partir de

1839. Após obter sua independência da Inglaterra, em 1967, o sul se tornou o primeiro Estado árabe socialista. Já o norte expulsou os turcos depois da I Guerra Mundial e desde então tem sido governado por clãs conservadores.

Ao longo dos últimos 27 anos, as divergências políticas entre os dois regimes resultaram em diversos choques fronteiriços, mas não impediram a concretização da unificação, em 22 de maio de 1990. Apesar das dificuldades – exército, forças policiais, moeda, estações de televisão e rádio e linhas aéreas permaneceram separadas –, o processo de unificação conseguiu avançar. Num claro sinal dos novos tempos, no ano passado o Iêmen realizou eleições parlamentares multipartidárias, em um exercício de democracia sem precedentes entre os regimes da península árabe. A vitória coube ao conservador Congresso Geral do Povo (CGP), do norte, que designou Ali Abdullah Saleh como presidente, ficando o Partido Socialista do Iêmen (PSI), do sul, com a

Divergências profundas, alimentadas por séculos de desenvolvimento em direções opostas, desencadeiam a guerra no Iêmen, quatro anos após sua reunificação

vice-presidência, em mãos de Ali Salem Al-Baidh.

Estoura a guerra – Divergências sobre a distribuição da renda oriunda do petróleo, o controle do governo por parte do CGP, sua aliança com o partido fundamentalista Islah – cujo ultraconservador líder, xeque Abdullah bin Hussein al-Hamar, foi designado presidente do Parlamento – e uma série de ataques armados contra líderes políticos do antigo Iêmen socialista fizeram muitos sulistas começarem a encarar a unificação como uma virtual anexação pelo norte.

O clima de tensão chegou ao auge em agosto passado, quando o vice-presidente, Al-Baidh, do sul, se negou a continuar exercendo suas funções no norte e exigiu reformas políticas e econômicas. A crise se arrastou até fevereiro deste ano, quando representantes dos dois lados firmaram um acordo de reconciliação na Jordânia. Porém, poucas horas depois estalaram novas com-

ORIENTE MÉDIO

IÊMEN



Uma vítima dos ataques do norte

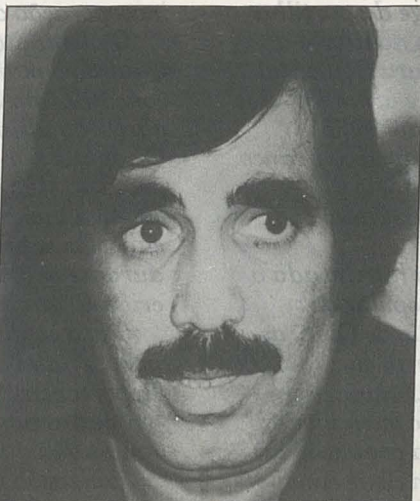
Saudita, e o ex-governo socialista do Iêmen do Sul: as contínuas denúncias de que o presidente Abdullah Saleh não desmantelou todas as bases de treinamento dos muçulmanos extremistas, que lutam para impor o fundamentalismo na região.

Essas denúncias parecem estar sendo corroboradas pelo apoio explícito do regime iraniano às forças do norte, que, segundo um comunicado da Rádio Teerã, visa a "preservar a unidade do Iêmen e de todos os países islâmicos".

Apesar de não estarem dispostos a intervir diretamente no conflito, os países árabes aliados do sul têm feito intensas gestões para obter um cessar-fogo.

Mas, até agora, as iniciativas nesse sentido não prosperaram. Em fins de maio, o embaixador saudita nos Estados Unidos, príncipe Bandar bin Sultan, visitou as Nações Unidas para pedir que o organismo internacional intervenha no conflito. O diplomata demandou uma reunião urgente do Conselho de Segurança, onde se trataria a proposta dos países árabes de se fazer um apelo de cessar-fogo, abrir negociações de paz entre as partes beligerantes e interromper o comércio internacional de armas para o país.

Mas, aparentemente devido à objeção de Paris e Londres, o Conselho de Segurança optou por se manter fora do conflito e continuar considerando-o uma crise interna, em vez de uma guerra entre os antigos Estados do Iêmen do



Al-Baidh: luta pela autonomia do Sul

Norte e Iêmen do Sul. O máximo que os países árabes conseguiram do Conselho de Segurança foi uma exortação em favor de uma solução política.

A ofensiva do norte - Sem um apoio mais concreto, as forças do sul estariam perdendo terreno nos combates, segundo os observadores. Reforçando esta análise, o sul exortou o norte a pôr fim aos combates, retirar as tropas para posições anteriores a 1990 e abrir negociações sob os auspícios da Liga Árabe.

O presidente Abdullah Saleh, porém, recusou todos os apelos de cessar-fogo. "O norte intensificou deliberadamente a luta ao atacar Aden, a capital sulista. A estratégia parece ser de precaução e o mais rápido possível antes que o presidente egípcio Hosni Mubarak consiga sucesso numa mediação", afirmou uma fonte dos serviços de segurança ocidentais.

De fato, embora o panorama ainda esteja incerto, se observa que o norte vem realizando progressos no campo de batalha, como a ocupação da rica província petrolífera de Hadramawt, a sudeste da fronteira com a Arábia Saudita. Mas é cedo para cantar vitória. "Não existe uma solução militar para o problema iemenita", garante o diplomata norte-americano Robert Pelletreau, secretário de estado adjunto para o Oriente Próximo.

Talvez consciente disso, o governo iemenita tem partido para uma verdadeira ofensiva no campo diplomático. Abdullah Saleh enviou seu principal aliado interno, o líder do partido Islah, para dois dias de conversações com o governo do Egito e um outro representante para reunir-se com o presidente líbio Muammar Kadhafi, em Trípoli, e com o líder palestino Yasser Arafat, na Tunísia.

Sem dúvida, em caso de vitória das forças do norte, o apoio internacional seria importante para quebrar a resistência interna a seu governo. Porém, seja quem for o vencedor desse conflito, terá que fazer um esforço gigantesco para cicatrizar as feridas da guerra. Acima de tudo, deve ter claro que as históricas diferenças, culturais e políticas, entre o norte e o sul precisam ser respeitadas. Ou então correr o risco de mergulhar indefinidamente o país numa sangrenta guerra fratricida. ■

Estranha aliança - A maioria dos países árabes - incluindo o Egito, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos -, além do próprio Estados Unidos, apóia o sul, refletindo as alianças surgidas durante a Guerra do Golfo, quando o Iêmen do Norte ficou do lado do governo de Saddam Hussein.

Mas outro fator também foi determinante para costurar essa estranha aliança política entre regimes extremamente conservadores, como o da Arábia